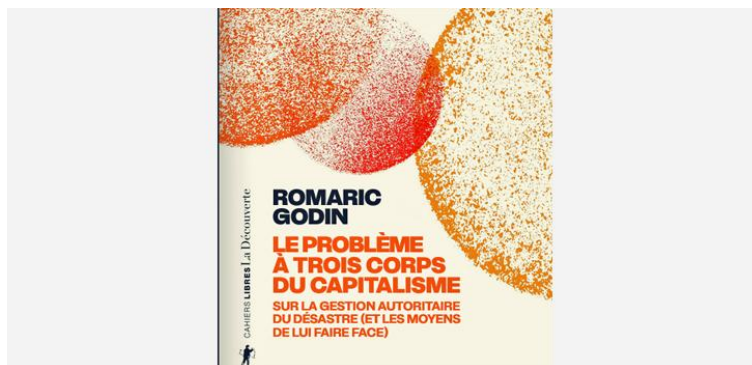


O problema dos três corpos do capitalismo

Autor: Romaric Godin



Sobre a gestão autoritária do desastre
(e os meios para lidar com ele).

Introdução Os Três Corpos da Crise

Como nosso tempo ama histórias, aqui vai uma para começar a narrativa. Numa certa manhã, várias dezenas de políticos e economistas, os mais renomados do mundo, receberam todos, ao mesmo tempo, um presente estranho: ganharam capacetes, sem conexões ou cabos, em cor prateada. Nenhuma palavra acompanhou o presente. Nenhum destinatário foi indicado. Capacetes vieram para eles e ponto final.

Aqueles que ousaram usá-lo foram imediatamente deslocados para uma realidade estranha, inexplicavelmente real. Foi lhes oferecida a visão de uma cidade às margens de um rio em que havia uma multidão imensa ocupada em atividades econômicas. As mentes brilhantes rapidamente viram ali uma cena arcaica semelhante a antiga China. Às vezes, na massa dos indiferentes à presença de recém-chegados, era possível distinguir humanos "modernos". Sim, sem dúvida, estes eram aqueles justamente que haviam colocado o capacete sobre a própria cabeça, vedando os próprios olhos.

Um deles, ricamente vestido, saiu da multidão e saudou solenemente: "Bem-vindos, vocês foram selecionados por seu conhecimento para ajudar o Rei Sun Hao a governar este país. Ele está esperando por vocês em seu palácio. Dois guardas então lideraram o caminho até um enorme palácio, habitado por soldados e servos.

Aquele que mais bem conhecia a China dentre os "escolhidos" poderia ver que a cena se passava no final do século III d.C., no reino chinês de Wu, um dos três reinos resultantes da desintegração do Império Han, ocorrida em 220. Sun Hao, o último rei de Wu, assumiu o poder em 276. Renomado por seus excessos e crueldade, ele tentou, no entanto, por vários meses, no início de seu reinado, resolver a instabilidade de Wu. Em razão de seu fracasso e insensatez, o reino entrou em declínio para ser depois conquistado pelos Jin. A partir de 280 essa dinastia do norte alcançou de novo, mas apenas por um curto período, a unidade da China.

Aquilo que se via por meio do capacete era semelhante a um clássico videogame de gestão político-militar, onde os futuros generais aprendem a produzir e administrar recursos racionalmente, visando alcançar uma vitória. Nada muito empolgante; nada mesmo que esteja ao nível de personagens tão notáveis quanto aqueles que receberam o capacete. Mas a estranheza do processo, o realismo do experimento, a sensação de sonhos acordados, tudo isso merecia ser visto. Ainda mais porque aqueles escolhidos não eram insensíveis ao fato de que seus méritos haviam sido reconhecidos, aqulando assim às suas próprias vaidades.

Após um lance de escadas, os "escolhidos" entraram em um grande salão decorado com troféus e estandartes, onde, em um púlpito, Sun Hao encontrava-se entronizado. Assim que o último convidado entrou, ele se levantou e finalmente explicou o propósito dessa aventura virtual surpreendente: "Quando meu ancestral Sun Quan abriu uma nova era, fez isso com arrependimento, movido pela necessidade. Ele buscava constantemente restabelecer a antiga ordem do mundo que, como tal, era bem estável. Mas o caos tomou conta do país e a discórdia tomou conta da nossa família. Acabei de recuperar o trono do meu infeliz pai, o Imperador Wen, que foi brutalmente assassinado por usurpadores. Agora é o momento de restaurar a ordem, a estabilidade e a prosperidade em Wu. Me disseram coisas ótimas sobre a sabedoria de todos vocês. Provem, agora, que os seus talentos podem ser úteis. Só desejo isso."

O rei então ficou em silêncio e todos recuaram um pouco. O economista Chu He então forneceu as chaves para o problema: "A riqueza de Wu não está mais crescendo. O dinheiro é escasso em todo lugar. Os ricos vivem em luxo indecente e monopolizam a pouca riqueza ainda produzida. Mas o rei tem medo de tributá-los ou de confiscar suas propriedades, pois eles mantêm a terra e os camponeses à sua mercê, os quais podem, a qualquer momento, se rebelar contra ele. No campo, assim como nas cidades, as pessoas estão insatisfeitas. As revoltas tornaram-se frequentes e alguns passaram a esperar que o rei de Jin conquistasse Wu. Além disso, há desastres naturais repetidos e constantes: o rio inunda campos e cidades, e o Estado não consegue financiar o trabalho necessário para conter os efeitos dessas enchentes. Secas enormes seguem chuvas torrenciais; com elas surgem frequentes e devastadores deslizamentos de terra. A natureza parece estar furiosa contra nosso reino e nós estamos impotentes. Apenas a sabedoria de vocês pode nos ajudar."

Foi assim que o jogo se mostrou mais rico do que a maioria de nossos economistas e políticos eruditos havia previsto. Não se trata de gerenciar recursos com parâmetros básicos para vir a tornar um país poderoso capaz de conquistar seus vizinhos. Na verdade, trata-se de garantir a estabilidade permitindo que o reino retorne ao crescimento econômico em um contexto de tensão social e crise ambiental. Os parâmetros eram múltiplos e complexos. O realismo do problema era impressionante. A terra de Wu era pontilhada de fábricas, terras agrícolas e minas; a produção local era voltava para o comércio exterior. Por trás da pitorescência da China do século III, havia algo que se assemelhava a uma economia moderna e diversificada. Nenhum dos "escolhidos" poderia recusar um desafio tão decente. O objetivo da teoria econômica não é justamente encontrar soluções para esse tipo de problema? Não é objetivo da política e dos políticos

profissionais encontrar traduções concretas das recomendações dos economistas com o fim de garantir a felicidade comum?

Então cada um deles começou a trabalhar no problema apresentado. Rapidamente, surgiram nuances entre os "eleitos", mas todos concordaram no essencial: a solução era retomar o crescimento econômico, porque este, sozinho, poderia dar trabalho ao povo e reabastecer os cofres do Estado. Uma vez alcançado esse objetivo, a estabilidade viria como algo natural. Para alcançar esse objetivo, os meios eram muitos e variados. Alguns defendiam a tributação dos mais ricos. Outros achavam que os impostos deveriam ser reduzidos para incentivar os ricos a gastarem mais.

Outros ainda acreditavam que Wu precisava desenvolver a economia por meio de mercados livres para que os preços se tornassem corretos de tal modo que todos seriam pagos pelo que produziam. Por fim, havia aqueles que afirmavam que era melhor educar as crianças do reino para que ele se tornasse um foco de inovação em tecnologias que promovessem a produção, mas também protegessem a terra de calamidades naturais.

Todos apresentaram os seus projetos e planos, os seus relatórios e recomendações aos pés de Sun Hao, certos de que haviam encontrado a chave para o enigma que havia sido apresentado pelo rei. As recomendações foram testadas uma após a outra. Mas nada saiu como planejado. Diante do fracasso, todos ficaram mergulhados numa escuridão até que um verso de Li Bai, escrito quase cinco séculos depois, apareceu lentamente diante de seus olhos: "Eis aqui o antigo palácio do rei de Wu. A grama floresce em paz em suas ruínas"¹. A experiência virtual acabou assim. Nenhuma solução foi encontrada para o problema apresentado. E não havia mais nada para ser feito.

Essa pequena fábula é inspirada em um best-seller de ficção científica, *O Problema dos três corpos*, escrito por um autor chinês, Liu Cixin². Neste livro publicado em 2006 e posteriormente adaptado para uma série, alienígenas são submetidos aos movimentos caóticos e imprevisíveis de três sóis girando ao redor do planeta Trisolaris. Esses seres usam o processo do jogo do capacete para tentar fazer os cientistas da Terra entenderem que sua situação é insustentável. Mas estes últimos também falham em determinar os movimentos futuros das três estrelas por uma razão simples: trata-se de um problema dinâmico insolúvel. Os alienígenas então não têm outra solução a não ser deixar a esfera de atração das três estrelas para se refugiar em um planeta mais estável, a Terra.

A tese defendida neste livro é que essa fábula expõe um problema semelhante àquele que enfrenta o nosso mundo. Para entender isso, precisamos olhar para a nossa situação em meados da década de 2020. Quando escrevo, o país mais poderoso do mundo, com um arsenal militar capaz de destruir o planeta em questão de segundos, é governado por Donald Trump, um homem odioso e palhaço que, baseado em políticas autoritárias e violentas, prometeu uma "nova era de ouro" para os Estados Unidos. Ora, isso testemunha o enfraquecimento deste país

¹ Poésies de l'époque des Thang, 1977, Ivrea, p. 119.

² Liu Cixin, *Le Problème à trois corps*, Actes Sud, 2016.

doente que busca se proteger por meio de um retorno desesperado ao seu passado glorioso. Como potência hegemônica em crepúsculo, os Estados Unidos parecem dispostos a fazer qualquer coisa para manter sua velha dominância.

Mas ele está sendo contestado de todos os lados. Começando pela China, que em trinta anos, com o apoio do capitalismo americano, se tornou a maior economia do planeta³. As tensões continuam a se multiplicar no Mar do Sul da China, ao redor de Taiwan, formalmente reconhecida internacionalmente como parte da República Popular, mas que é a primeira linha defensiva dos Estados Unidos no Pacífico.

No entanto, a China também não brilha por estabilidade. O crescimento se desacelerou drasticamente, pois foi prejudicado por uma crise imobiliária que começou em 2021 com a falência de uma das maiores incorporadoras do país, a Evergrande. Ora, a crise continua cinco anos depois. O país enfrenta os limites de seu desenvolvimento, enquanto Pequim promete prosperidade cada vez maior. Essa situação torna a rivalidade sino-americana cada vez mais aguda, cada um tentando ganhar terreno sobre o outro para não perder o equilíbrio interno em seu próprio país.

Mas essa rivalidade não esgota a situação. Como nenhuma hegemonia mundial é mais capaz de se impor, os apetites das potências secundárias, que tentam escapar da desaceleração do crescimento, estão se aguçando. Conflitos de alta intensidade, portanto, estão se multiplicando, causando dezenas de milhares de mortes e centenas de milhares de deslocados. No Oriente Médio, na Ucrânia, no Sudão e na República Democrática do Congo, as pessoas estão mergulhando em conflitos longos e violentos, sem perspectiva real de soluções duradouras.

Essas convulsões geopolíticas também se refletem na profunda instabilidade interna das sociedades modernas. No Ocidente, os cenários políticos estão fragmentados e, frequentemente, atomizados, tornando o governo dos estados cada vez mais complexo. A França, um país cujo regime político foi construído em 1958 e 1962 para dar maiorias aos chefes de Estado, se vê agora confrontado com instabilidade endêmica. A raiva social responde à impotência dos políticos. Uma onda identitária, xenofóbica e autoritária está emergindo em resposta a esse caos político e social, sem conseguir obviamente resolver as crises.

Os países do "Sul Global", um termo novo cunhado para descrever implicitamente o que não pertence a um Ocidente ainda ligado à hegemonia americana, não estão imunes a essa instabilidade. Desde 2019, do Chile ao Quênia, Sri Lanka, Nigéria, Indonésia e Bangladesh, as revoltas têm sido frequentes e às vezes violentas. É verdade que a desaceleração do crescimento global e o retorno da inflação impediram a "recuperação" dessas economias. Como destacado em um relatório de 2024 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

³ Sobre esse assunto, veja Benjamin Bürbaumer, *Chine/États-Unis, le capitalisme contre la mondialisation*, La Découverte, 2024. Os Estados Unidos mantêm a preeminência em termos de PIB nominal, ou seja, em moeda atual. Mas quando calculamos em paridade constante de PIB e poder de compra, ou seja, ajustados por preços e taxas de câmbio, a China tem sido a maior economia do mundo desde 2016. Segundo o Banco Mundial, o PIB da China em 2023 foi 26,6% maior do que o dos Estados Unidos usando esse método.

(PNUD), as distâncias estão novamente se ampliando entre os países desenvolvidos e os países do Sul Global em termos de desenvolvimento humano⁴. Zâmbia, Sri Lanka, Etiópia e outros países já estão deixando de pagar as suas dívidas.

A cereja do bolo é que essa instabilidade é reforçada e mantida pela aceleração da crise ecológica, o elemento estruturador da nossa contemporaneidade. Os desastres naturais ligados a essa crise parecem estar se acelerando desde 2020; eis que o aquecimento global e a degradação da biodiversidade já estão superando as previsões mais pessimistas. A vida nos oceanos está recuando, as fronteiras planetárias estão sendo ultrapassadas uma após a outra. Desastres recorrentes – enchentes catastróficas, secas generalizadas, ondas de calor repetidas, deterioração geral do ambiente de vida – são um lembrete da natureza particular da crise atual, ao mesmo tempo em que reforçam a instabilidade geral. O futuro parece sombrio e incerto.

Claro, nem crises nem instabilidade global são novidades, mas o que chama atenção, no início da segunda metade da década de 2020, é o coquetel de várias e numerosas crises que se sucedem em ritmo sustentado, a ausência de verdadeiros polos de estabilidade e uma total sensação de impotência. Durante a Guerra Fria, por exemplo, ocorreram crises, às vezes situações muito perigosas, mas era possível encontrar uma forma de equilíbrio porque as grandes potências eram relativamente estáveis e a confiança global no progresso possibilitava construir compromissos sociais, geopolíticos e econômicos.

Agora tudo isso desapareceu em troca de um caos global onde qualquer resolução parece impossível, tal como vem ocorrendo já há algum tempo com os países pobres. A crise ecológica agora encontra-se amplamente (mas não universalmente) compartilhada. O prior é que as soluções apresentadas parecem ter como consequência abrir novas frentes na crise. Citemos apenas alguns exemplos aqui, antes de abordar esse assunto com mais detalhes mais adiante. Diante dos fechamentos durante a pandemia, houve um enorme apoio fornecido pelo Estado às empresas e aos seus funcionários; isso tornou possível colocar a economia em marcha lenta para protegê-la da crise de saúde ocorrida em 2020. Mas essa política rapidamente abriu novas dificuldades sociais e econômicas – incluindo a retomada da inflação – que, por sua vez, desestabilizou os Estados em níveis nacional e internacional.

Da mesma forma, o desejo de acelerar a transição ecológica dentro do quadro econômico existente levou à novas crises, por exemplo no setor automotivo ou na forma como a extrema-direita vem instrumentalizando o descontentamento dos consumidores com o que foi chamado de "ecologia punitiva".

Nosso mundo, portanto, se assemelha ao da nossa pequena fábula no início deste livro: caos generalizado aliado à incapacidade da autoridade política de

⁴ O PNUD relata que, entre 2020 e 2023, a diferença entre o índice de desenvolvimento humano – que inclui não apenas o PIB per capita, mas também o índice de matrícula e a expectativa de vida ao nascer – de países ricos e pobres aumentou, pela primeira vez em trinta anos, e tão acentuadamente que a diferença retornou ao nível de 2015. Cf. Romaric Godin, *Les inégalités se creusent entre pays riches*.

restaurar uma aparência de estabilidade. Isso lembra o idealizado "velho mundo" antes apresentado. Na verdade, por trás de seus discursos voluntaristas ou supostamente protetores, as classes dominantes do nosso tempo mal podem esconder sua impotência.

No final da pandemia de Covid-19, quando a Rússia atacou a Ucrânia, um dos intelectuais mais proeminentes de nossa época, Adam Tooze, em um artigo no *Financial Times*, tentou caracterizar esse momento usando o antigo conceito de "policrise". Descreveu um mundo em que havia vários choques os quais interagiam entre si de tal maneira que, como um todo, eles pareciam mais insuperáveis que o conjunto das partes.⁵

Segundo ele, não era possível isolar a causa desse caos; ademais, a cada tentativa de resolver as crises existentes levava à abertura de novas frentes: "Quanto mais conseguimos lidar com uma ou outra, mais tensões aumentam." Já em 1993, Edgar Morin descreveu uma "crise geral do planeta" que tomou a forma de uma série de crises "que se estimulam mutuamente"⁶. O princípio da "policrise", segundo Morin, pode ser resumido da seguinte forma: "Não se pode designar um problema como o prioritário, que subordinaria todos os outros. Não há um único problema vital, mas vários problemas vitais. Ora, essa complexa solidariedade entretida de problemas, antagonismos, crises, processos descontrolados, crise geral do planeta, é que constitui agora o problema vital de número um".⁷

A policrise estaria então próxima do problema dos três corpos, um problema tão complexo que resolvê-lo se torna impossível, até prejudicial, gerando um sentimento de impotência política. Claro, Edgar Morin propôs encarar o entrelaçamento das crises como o problema em si, mas, em termos concretos, se as soluções implementadas se tornarem novas frentes de crise, a única opção possível é limitar o dano e se proteger em nível individual, nacional ou regional. A consequência lógica da policrise é, portanto, a "resiliência" – outro conceito que está em voga há um quarto de século – ou seja, a capacidade de sobreviver e suportar choques sem tentar agir sobre suas causas, já que estas últimas estão sendo negadas. Ser resiliente é desistir de agir sobre o mundo, é tentar se proteger dele.

A ideia de policrise preserva a ordem – ou melhor, a desordem – do mundo ao descrevê-lo apenas para melhor se adaptar a ele. Não é surpreendente que seja um grande sucesso entre os poderosos do nosso mundo. A seguradora suíça Zurich, por exemplo, se gaba para seus clientes das "boas notícias da crise poli" para seus investimentos⁸. A sessão que coroou o Fórum de Davos foi aquela em que esse tema foi discutido.

Quanto à noção de resiliência, ela já está bem estabelecida e está se tornando uma forma de passagem obrigatória para a comunicação política e

⁵ Adam Tooze, « Welcome to the world of polycrisis », *Financial Times*, 28 octobre 2022.

⁶ Edgar Morin, *Terre Patrie*, Seuil, 1993, p. 110.

⁷ Ibid.

⁸ Conforme artigo de 9 março de 2023 publicado na internet que termina com um apelo para que se "construa uma resiliência". Ver Zurich Insurance, *The good news hidden inside today's: polycrisis*,

econômica contemporânea. Emmanuel Macron fez um uso particularmente grosseiro dela após a pandemia, utilizando-a em cada um de seus discursos e planos de recuperação. Bruxelas também lançou, após a crise da Covid-19, o seu próprio "plano de recuperação e resiliência". A prefeitura da cidade de Paris prometeu aos seus cidadãos, em 2024, uma "cidade mais resiliente" até 2060. E assim por diante.

Deve-se dizer que a passividade implícita veiculada pelas noções de polícrise e resiliência deixa algumas pessoas felizes: aquelas que, já são, muito resilientes diante de todas as crises que o mundo está enfrentando e cujos lucros continuam a aumentar. Eles têm todos os motivos para estar felizes porque as suas atividades quase nunca estão ligadas aos distúrbios que estão ocorrendo em volta delas. Para eles, limitar o papel da política à gestão do desastre é sinônimo de "razão" e "moderação".

Mas é preciso voltar aqui ao romance de Liu Cixin. Nele, o autor descreve a estranha forma como alienígenas sobrevivem à marcha instável de seus três sóis. Quando ocorre uma crise, seus corpos secam completamente antes de se reidratarem durante períodos de estabilidade. O método é, sem dúvida, uma forma de "resiliência": organizado pelas autoridades do planeta, esse modo de sobrevivência torna possível preservar a ordem social apesar das perdas consideráveis devido à imprevisibilidade das crises.

Mas essa "resiliência" é apenas uma medida provisória que acaba bloqueando a ação possível da sociedade. Ora, os trisolarianos logo percebem que a única solução para escapar da destruição é migrar para a Terra. É aqui que está o ponto de partida deste livro. Se os trisolarianos podem tentar escapar, é porque entenderam a origem do caos em que seu planeta está mergulhado. Essa descoberta foi resultado de uma investigação que possibilitou acabar tanto com as crenças em uma solução "mágica" e incantatória quanto com as ilusões de resiliência.

E foi isso que o videogame verdadeiro-falso enviado aos cientistas terrestres lhes ensinou: é impossível tentar lidar com o que não é administrável. O problema dos três corpos é insolúvel, mas ele não é assim sem razão: é assim pelo efeito combinado da gravidade sobre os três corpos. Para escapar do problema, portanto, é necessário a saída do campo gravitacional desses três sóis.

Este livro pretende seguir uma abordagem semelhante. Ele compartilha a observação de que há uma situação crítica complexa e insolúvel, mas tenta compreender a origem dessa falta de solução. Portanto, pretende questionar as conclusões decorrentes das teorias da polícrise e da resiliência, teorias que não são apenas conservadoras, mas perigosas⁹: elas desistem de compreender a lógica geral das crises, fechando assim a porta para qualquer solução duradoura em um momento em que a viabilidade do planeta está agora em jogo. É porque se prende à recusa de questionar esse quadro que a política é profundamente impotente, que se mostra reduzida a uma escolha entre duas falsas soluções: a corrida

⁹ Uma primeira crítica dessa noção foi feita por meio do seguinte escrito: Godin, Romaric – Vive la polycrise !, Revue du crieur, 23 de abril de 2024.

desenfreada à tecnologia e a nostalgia reacionária. O cidadão é convocado a escolher entre essas duas "opções", sem esperança de ver uma solução séria implementada. É seguro apostar que qualquer pessoa que seja regularmente convidada a votar já tenha experimentado essa sensação de impotência.

Ao adotar a visão oposta ao diagnóstico da ausência de um princípio orientador para a "policrise", este livro propõe identificar um caminho para implementar estratégias eficazes contra o caos. É aqui que o problema dos três corpos difere da policrise: ele se baseia em uma causa matricial, um princípio que organiza o caos e, portanto, testemunha a solvibilidade do problema, mesmo a um custo alto. Em nossa opinião, Adam Tooze está enganado ao denunciar como simplista qualquer tentativa de identificar uma causa de princípio para a policrise¹⁰. Na verdade, tal princípio não exclui a complexidade das crises, suas relações e seus desenvolvimentos. Pelo contrário, ela mostra seu caráter sofisticado e insolúvel. No entanto, este livro recusa a impotência e a resignação: se confirma o impasse da atual gestão do globo, pretende mostrar que há uma saída.

Pois devemos reconhecer os limites da analogia entre nosso problema dos três corpos e o da astrofísica: é um problema que não é externo à humanidade, mas, pelo contrário, é produto da organização social vigente no início do século XXI. Portanto, não é possível se afastar fisicamente dela para encontrar refúgio e construir um novo mundo em outro lugar.

Algumas mentes perturbadas, mas com carteiras bem abastecidas, imaginam-se partindo em breve para a Lua ou Marte; pretendem gastar bilhões de dólares para escapar das desordens do nosso mundo e moldar outro à sua imagem. Mas pecam por palavras. Primeiro, é claro, porque isso atualmente é tecnicamente inviável (e certamente continuará sendo por muito tempo). Mas acima de tudo porque o problema não é tecnológico. Para onde quer que esses bilionários possam ir, eles levarão as crises para lá porque reproduzirão exatamente as condições que levaram à crise atual. Ora, eles respondem por uma parte significativa desses problemas.

Provavelmente é isso que torna a situação dos terráqueos ainda mais complexa do que a dos trisolarianos. Mas também é isso que abre uma possibilidade. Se a causa do problema for resultado de um modo de organização da humanidade, a sua solução torna-se concebível, mesmo que se mostre altamente difícil. Ao contrário dos trisolarianos, os humanos podem agir aqui e agora para quebrar o impasse. Mas para que isso aconteça, é preciso entender as razões para a natureza insolúvel do problema.

Em *A Boa Alma de Se-Thuan*, Bertolt Brecht concebe uma prostituta, Shen Té, que concorda em hospedar "três deuses". Eles saúdam sua "boa alma" e pedem que persevere na prática do "bem". Mas ela se pergunta: "Como podemos fazer o bem quando tudo é tão caro?" A resposta das divindades foi imediata: "Nessa questão, infelizmente, não podemos fazer nada, pois não podemos interferir no que

¹⁰ Adam Tooze criticou a sua própria posição sobre a policrise num artigo publicado pelo jornal inglês Financial Times em 6 de setembro de 2025 : Polycrisis, is this the sequel?

afeta a economia!" Para ajudar Shen Té, os três deuses precisam seguir as "leis da economia", fazendo apenas uma operação comercial: eles então lhe concedem mil dólares em pagamento pela estadia que passaram a noite. Pois qualquer presente é impossível: "Não poderemos responder por isso lá em cima", diz um desses deuses impotentes.¹¹

É se embrenhando nessa mesma impossibilidade que os teóricos da policrise e a maioria dos líderes mundiais estão presos. Segundo eles, mesmo os poderes mais altos estão sujeitos às leis da economia. O caos descrito por essas teorias ocorre em um quadro preciso que as crises em si não levam a questionamento. Hierarquias internacionais ou nacionais podem muito bem ficar perturbadas, desastres devastar o planeta e revoltas podem surgir em todos os lugares, mas as regras do jogo da economia não mudam. Os movimentos descritos por essas teorias são apenas os fenômenos gerados por essas leis intangíveis.

Essa visão frequentemente se traduz em uma espécie de engenhosidade. A cada crise, ouvimos a mesma velha história: a economia vai sofrer! Uma pandemia está começando? Precisamos proteger a economia! A Rússia está atacando a Ucrânia? Todos se perguntam quais serão as consequências para a economia! A extrema-direita chega ao poder? Os artigos questionam as "consequências econômicas" do evento. Enchentes catastróficas? Precisamos reconstruir a economia.

A economia aparece como uma espécie de refúgio de paz e harmonia sob leis intangíveis e é regularmente atingida pelo que os especialistas chamam de "externalidades" devido à arrogância dos humanos e seus desejos de se meter em tudo. É por causa deles, e não das leis da economia, que novas crises surgem. A economia é percebida como externa ao mundo, como uma força que submete o caos às suas próprias regras e se vinga se elas forem ignoradas. Parece estar acima dos próprios deuses, como na peça de Brecht.

Portanto, é hora de reintegrar a economia à ordem material e humana, ou seja, mostrar que ela faz parte do problema e é responsável pelo caos atual. A economia não é apenas uma "vítima" de crises externas, ela faz parte do problema. Na verdade, esse é o nosso principal problema. Se reconhecermos que a pandemia, as crises políticas, os desastres climáticos têm origem econômica, então nossa abordagem ao problema muda. Se recusarmos integrar a ação da "economia" à policrise, é porque esta última é considerada superior a todas as outras. Em outras palavras, por trás da metafísica pueril que acabamos de descrever, podemos supor a admissão de que é aí que reside o princípio organizacional da sociedade e, portanto, das crises que a abalam.

Essas são as questões que levaram, em meados do século XIX, Karl Marx a embarcar no colossal projeto de sua "crítica à economia política" sob o título de *O Capital*. Os teóricos da complexidade de hoje estão perfeitamente alinhados com a herança das correntes do pensamento econômico que, de Adam Smith a David Ricardo, estavam então na mira de Marx. Eles observam um mundo moldado pela economia e consideram que essa formação é resultado de leis intangíveis. A tarefa

¹¹ Bertolt Brecht, *La Bonne Âme du Se-Tchouan*, L'Arche, 2014, p. 19.

da ciência econômica, o que Marx chamou de "economia política", é examinar e descobrir essas leis, assim como a tarefa da ciência física é descobrir as leis que regem o mundo material.

Um dos grandes avanços de Marx, que o coloca fora de qualquer corrente da ciência "econômica", é ter questionado essa visão. Para ele, as relações capitalistas de produção não são "categorias eternas"¹², são produto de condições históricas precisas. Assim, são tão transitórias quanto as que vigoraram no passado. Em outras palavras, elas estão condenadas a desaparecer quando as condições de sua validade forem abolidas. Em 1938, o filósofo Karl Korsch mostrou que o "primeiro dos princípios fundamentais" do pensamento de Marx versava sobre a "especificação histórica de todas as relações sociais"¹³. Assim, ele mostra que a crítica marxiana se preocupa com o apagamento desse "caráter específico" que é feito pela Economia (Economics) e, de forma mais ampla, pelos defensores da ordem estabelecida.

O próprio Marx resumiu perfeitamente sua abordagem: "Esta é uma concepção essencialmente diferente dos economistas burgueses, que são prisioneiros das concepções capitalistas e que certamente veem como a produção ocorre dentro da relação capitalista, mas não como essa relação se produz e, simultaneamente, produz as condições para sua própria dissolução, pela qual sua justificativa histórica como forma necessária de desenvolvimento econômico é liquidada. da produção de riqueza social".¹⁴

Essa longa citação ressalta os limites da economia política, que também são os dos pensadores da polícrise atual. Ela revela a dimensão metafísica, segundo a qual as leis do capital são necessárias e de acordo com a natureza humana, ou seja, ahistóricas. Elas constituem uma estrutura da qual não podemos escapar. Nesse contexto, quando ocorre o caos, a única resposta possível é a da "resiliência".

O capital e seus efeitos constituem, portanto, o não pensado das teorias contemporâneas sobre crise. Isso é ainda mais marcante porque a crise é global e essa globalidade coincide com outra globalidade, a do capitalismo. Esse último agora está em casa em todos os lugares. Nenhuma área do planeta escapa mais ao seu controle; eis que seu império está interconectado. As cadeias de valor são complexas e globais, e têm a função de abastecer os mercados globais.

O mundo, portanto, é profundamente moldado pelo capitalismo: como, então, a crise poderia ser estranha a ele? Assim, vemos que a crítica à economia política é mais necessária do que nunca. Envolve uma consciência do que é o capitalismo e de sua especificidade histórica, ou seja, tanto sua especificidade como capitalismo, quanto a do período atual do capitalismo. É essa especificidade que nos permitirá entender o impasse atual, mas também confirmar que há uma saída por meio do questionamento do atual arcabouço histórico, ou seja, a dominação do capital.

¹² Karl Marx, *Misère de la philosophie*, in *Œuvres*, tome 1, « Pléiade », Gallimard, 1963, p. 123.

¹³ Karl Korsch, *Karl Marx*, Ivrea, 2002, p. 37.

¹⁴ Karl Marx, *Le Chapitre VI. Manuscrits de 1863-1867. Le Capital*, livre I, Les Éditions sociales, 2010, p. 251.

Essa é nossa hipótese: o capital, a força orientadora da economia, é o cerne do problema, o equivalente à gravidade para o nosso problema dos três corpos. Enquanto os homens considerarem que essa força é tão indiscutível e inescapável quanto a gravidade, nenhuma solução será possível. Mas, ao se tornarem conscientes do aspecto construído e histórico do capitalismo, então uma última chance poderá se abrir para eles.

Para avançar, porém, precisamos esclarecer os termos utilizados. As noções de capital e capitalismo são amplamente usadas, mas seu significado não é universalmente entendido da mesma forma, o que torna as discussões difíceis, senão impossíveis. Se não compreendermos a verdadeira natureza da força que está levando o mundo à instabilidade, teremos dificuldades para construir estratégias de saída.

Vamos, pois, começar com uma verdade absoluta: o capitalismo é o modo de organização social dominado pelo capital. Frequentemente falamos do "modo de produção", mas essa noção às vezes implica que o capitalismo é apenas um regime econômico. Mas ele é muito mais do que isso: é o poder generalizado do capital, que se traduz no poder econômico sobre a sociedade como um todo. Essa é sua especificidade histórica.

Em sua reflexão sobre o nascimento do capitalismo, o historiador Jérôme Baschet enfatiza que o capitalismo não pode ser definido apenas pela existência do capital, ou seja, por dinheiro destinado a se autovalorizar.¹⁵ Existiu capital em outros modos de produção que tinham outras lógicas gerais – Karl Korsch diria "especificações históricas" –, as quais eram totalmente diferentes da que preside o movimento do capitalismo. Essas atividades desempenham um papel nesses períodos históricos, mas não são a força motriz ou organizadora da totalidade social: elas são subordinadas e incorporadas a outras lógicas.

A peculiaridade do capitalismo é, portanto, a centralidade do capital e sua força motriz, a sua necessidade infinita de acumulação, algo que ocorre numa dada sociedade. Quando o capitalismo nasceu, a organização social foi organizada em torno dessa força, modificando profundamente as relações sociais. Claro, como nos modos anteriores de produção, Jérôme Baschet aponta, "não é que a sociedade seja inteiramente moldada pelo imperativo da acumulação de capital [...], mas sim que ela é amplamente informada, e cada vez mais profundamente, pela necessidade de reproduzir um mundo no qual a exigência da acumulação possa ser reproduzida"¹⁶.

Assim, o capital torna-se uma força tutelar sobre todas as relações sociais, e mesmo o que escapa diretamente não pode realmente ignorá-lo. Podemos, portanto, descrever, com Jérôme Baschet, o capitalismo como o "mundo da economia". "Em nenhum outro sistema sócio-histórico" – diz – "a economia emergiu como uma esfera autônoma movida por suas próprias regras e tendendo a impor sua lógica a todo o mundo social".¹⁷ Aceitaremos essa definição com prazer, tendo em mente que, dois séculos após seu surgimento, o capitalismo conseguiu

¹⁵ Jérôme Baschet, *Quand commence le capitalisme? Crise & Critique*, 2024.

¹⁶ *Ibid.*, p. 146.

¹⁷ *Ibid.*, p. 121.

"impor sua lógica" não apenas a uma parte imensa da vida social, mas também a todo o planeta. Isso faz com que seja motivo suficiente para vê-lo como um motor central do caos atual.

Uma vez que se torna central para a sociedade, o capital é mais do que apenas um montante de dinheiro a ser valorizado: ele se torna uma relação social dominante. Mas esse termo merece atenção. O capital está, por sua natureza, destinado a aumentar seu valor, ou seja, a aumentar seu valor monetário. Para realizar esse fenômeno de acumulação, que é a força interna e a razão de ser do capital, ele recorre à forma mercadoria.

É por essa mesma razão que Marx inicia *O capital* com o estudo da mercadoria, a "forma elementar"¹⁸ da riqueza das sociedades capitalistas. Agora, para produzir valor, a mercadoria deve se apresentar sob uma "natureza dual": um valor de uso e um valor de troca. O primeiro permite a troca respondendo a uma necessidade, o segundo permite a valorização ao dar origem a uma troca monetária.

Ora, essa duplicidade só é possível se for baseada em outra: aquela entre o trabalho concreto, a atividade que realiza uma tarefa concreta, e o trabalho abstrato, ou seja, o trabalho quantificado em dinheiro que tornará possível valorizar a mercadoria e criar o valor excedente necessário para o processo de acumulação de capital.¹⁹ Essa duplicidade desliga o trabalho de sua realidade e propósito. Ela desprova o trabalhador do produto concreto de seu trabalho para fazê-lo trabalhar em prol de um equivalente monetário.

As consequências sociais desse processo são consideráveis. Sob pressão do capital, o trabalhador produz mercadorias destinadas a serem valorizadas para promover a acumulação e nunca para seu próprio uso. Ele, portanto, produz por uma razão externa às suas próprias necessidades: as necessidades do capital. Para satisfazer suas próprias necessidades, ele deve ir comprar bens e serviços em um mercado que lhe permita dar um valor de troca aos bens.

Assim, as relações humanas são mediadas pela mercadoria, ou seja, pelos objetos. Usando aqui uma expressão de Marx, tem-se um "mundo virado de cabeça para baixo"²⁰: o poder reside nos objetos produzidos para o capital, e os homens se submetem às leis dessa lógica, pois precisam delas para sobreviver. Essa submissão, que faz parte de um "sistema de dominação impessoal e abstrata"²¹, e que Marx chama de "fetichismo da mercadoria", explica a visão de economistas, políticos e teóricos da policrise. Mas isso também explica nossa cegueira.

Essa cegueira não faz parte de uma "ideologia" na qual economistas estão presos. A ideologia da naturalização das leis capitalistas é uma consequência da relação social capitalista. E um dos desafios do pensamento de Marx é quebrar esse fetichismo para poder restabelecer relações humanas não mediatizadas. Mas obviamente há mais. Essa inversão confirma que a dominação do capital sobre a

¹⁸ Karl Marx, *Le Capital*, livre I, Les Éditions sociales, p. 39.

¹⁹ Moishe Postone, *Temps, travail et domination sociale*, Mille et une Nuits, 2009, p. 221.

²⁰ Karl Marx, *Introduction à la critique de la philosophie du droit de Hegel*, in : tome 3, « Pléiade », Gallimard, 1982, p. 382.

²¹ Moishe Postone, *Temps, travail et domination sociale*, op. cit., p. 188.

sociedade não é apenas uma questão quantitativa – em outras palavras, o problema não é apenas a crescente presença da lógica do capital. Ela induz uma grande mudança qualitativa que cristaliza uma visão particular do mundo. Quando todo relacionamento com os outros e com a natureza é mediado pela mercadoria, o ser humano se torna um estranho para seu próprio mundo, ele o vê apenas através dessa mercadoria.

Ele então também se torna um estranho para si mesmo. Esse é o fenômeno da alienação, que vamos manter aqui como algo estreitamente ligado ao do fetichismo ²². Claro, no capitalismo, como já dissemos, nem todas as relações humanas estão sujeitas ao capital e à mediação da mercadoria. Mas todos eles estão sob a influência última dessa lógica que permite que a sociedade funcione e se reproduza. Em outras palavras, a mediação social da mercadoria é, de fato, a força social dominante. E isso, por sua vez, é o que torna possível entender por que as crises atuais, e em particular a crise ecológica, não são levadas a sério.

Este breve e muito esquematizado resumo se limita ao que é necessário, por enquanto, para continuar nossa discussão. Pode ser resumida brevemente da seguinte forma: o capitalismo é o regime de dominação do capital; nesse regime, o capital se transforma numa relação social central que determina uma organização social baseada na alienação e no fetichismo da mercadoria. Deve-se acrescentar que, como essa dominação é social, ela ocorre em diferentes contextos culturais e históricos e, portanto, pode assumir várias formas dependendo do país, da região e da época. Como veremos, o processo de acumulação está sujeito a dificuldades históricas e locais que devem ser identificadas. Mas essas dificuldades sempre fazem sentido em uma situação global. E é, portanto, com este último que as investigações devem começar.

De acordo com nossa definição, também será observado que o capitalismo não é um regime simples de dominação dos "ricos", nem uma forma simples de generalização do "comércio". Houve formas de riqueza material não capitalista na história humana cujo domínio foi violento; eis que a mera existência do comércio em uma sociedade não é suficiente para estruturá-la. Como veremos na parte final, essa visão não relativiza a importância da luta de classes; ao contrário, a integra num quadro mais geral de dominação social do capital e, assim, confere a essa luta uma função mais ampla de luta contra essa dominação.

Vamos terminar aqui com um desvio final antes de apresentar o quadro do nosso problema dos três corpos. Essa definição de capital e capitalismo torna possível – ao transformar a luta contra certos aspectos do capitalismo uma luta contra o capitalismo e sua lógica – evitar algumas armadilhas. Mostra que, se a luta é interna, se as mudanças visadas dizem respeito às modalidades de dominação do capital, mas não à força central dessa dominação, então trata-se, em última análise, de defender e fortalecer a centralidade do capital em uma forma considerada mais aceitável.

A experiência "soviética" ilustra esse erro. Esse regime aboliu formalmente a posse dos meios de produção – que sua ideologia considerava central para a

²² Cf. Istvan Mészáros, *Marx's Theory of Alienation*, Merlin Press, 2005 [1970], p. 20.

definição de capitalismo – mas manteve a necessidade de produzir valor. Assim, os trabalhadores permaneceram separados de sua produção e o mercado foi substituído por um planejamento baseado na extração de valor por meio do trabalho e gerenciado por uma "classe substituta", a burocracia, que controlava a dominação do capital e assegurava sua acumulação. Nas décadas de 1920 e 1930, o papel da lei do valor no sistema soviético foi objeto de longas controvérsias resolvidas pelo próprio Stalin, que declarou em 1936 que "nossas empresas não podem e não devem prescindir da lei do valor."²³

E, de fato, nesses regimes, por meio do próprio planejamento, a dominação abstrata do capital e a necessidade de sua acumulação não apenas eram mantidas, mas realizadas por meios autoritários. Em 1920, Trotsky resumiu essa visão do socialismo, que compartilhava, da seguinte forma: "os trabalhadores que contribuem mais do que outros para o bem comum adquirem o direito de receber uma parcela maior do produto social do que os preguiçosos e desorganizados."

Mas esse "bem comum" ainda era medido pela "produtividade do trabalho" e "emulação na produção", ou seja, pela necessidade de alcançar a acumulação de valor.²⁴ A necessidade de trabalho enfatizada por Trotsky era, de fato, a necessidade do trabalho abstrato. Esse "socialismo" também produzia mercadorias, mas de forma centralizada e estatizada.

O ukase (uma proclamação, decreto ou édito emitido pelo antigo czar ou governo da Rússia, que tinha força de lei) de Stalin obviamente sobreviveu à destalinização e assinou a sentença de morte de médio prazo de um sistema que lutava para tornar o capitalismo por meios "menos eficientes" do ponto de vista do capital. A questão da realidade dos preços e da determinação da produção acabaria por alcançar essa experiência. Mas seu caráter profundamente capitalista ficou muito claro após o colapso desses regimes no início dos anos 1990.

Como Branko Milanovic²⁵ mostrou após o trabalho do historiador Moshe Lewin²⁶, o sistema soviético fracassou em países onde o capitalismo já estava bem estabelecido, como Alemanha Oriental, Tchecoslováquia ou Hungria, mas tornou possível formar uma acumulação inicial de capital em países ainda incorporados a antigos sistemas feudais que bloquearam essa acumulação como na Rússia ou na China, por exemplo. Nesses países, além das diferenças de gestão, o sistema soviético garantia a integração da sociedade ao capitalismo porque a submetia à lei da mercadoria. Uma vez abolido o regime político soviético, os antigos burocratas tornaram-se os novos gestores do capital, muitas vezes com sucesso.

Esses fatos levam a três conclusões. A primeira é que a objeção preguiçosa de que o pensamento de Marx foi desqualificado pelo fracasso do sovietismo não se mostra verdadeira. De fato, ao confiar em Marx, foi possível construir uma definição de capitalismo radicalmente oposta àquele sobre a qual as "repúblicas socialistas" foram construídas. A segunda é que a propriedade privada dos meios

²³ Cité par Paul Mattick, in Marx et Keynes, Gallimard, 2010 (1972), p. 375.

²⁴ Ibid., p. 386.

²⁵ Branko Milanovic, *Le Capitalisme sans rival*, La Découverte, 2020, p. 97-110.

²⁶ Moshe Lewin, *La Grande Mutation soviétique*, La Découverte, 1989.

de produção, assim como a existência de um mercado formal ou grandes disparidades de riqueza, não são critérios suficientes para definir o capitalismo.

E, portanto, seu desaparecimento formal não garante a superação desse capitalismo. Na verdade, é a lógica da dominação por meio do processo de valorização do capital que deve ser centralmente visada se não quisermos recair nos erros do passado. Esse ponto não é anedótico: diz respeito diretamente ao nosso tempo. Se, como tentaremos mostrar, o capital é o motor da crise atual, a tentação de "melhorar" sua dominação por meios considerados mais aceitáveis não nos permitirá sair do problema e, segundo a lógica da policrise, só agravará a situação. Por exemplo, muitos acreditam que o desafio é se afastar da forma atual de capitalismo, dominada pela lógica do valor acionista e da financeirização, em favor de uma forma mais "social" ou de uma forma de "neo-fordismo". Todas essas tentativas manterão intacta a centralidade do capital nas relações sociais e, portanto, os alicerces da crise.

Finalmente, uma conclusão final contradiz a observação de Branko Milanovic, que vê na queda dos regimes soviéticos o réquiem de qualquer alternativa ao capitalismo²⁷. Essa observação lembra o famoso "fim da história" proclamado pelo pensador liberal Francis Fukuyama nos anos 1990. O regime implementado na Rússia e implantado em outros lugares (URSS) *manu militari* preservou o coração da dominação capitalista. Se foi assim, então, o fim da história ainda não está na agenda. O capitalismo não foi superado e o seu domínio atual não é resultado de uma vitória sobre seu oposto. Na verdade, um jogo interno permitiu que a dominação do capital fosse mantida. Logo, a renúncia generalizada que ainda se testemunha hoje diante de um sistema disfuncional e perigoso não é mais válida – e a humanidade não está condenada a administrar o desastre.

Agora que essa estrutura foi estabelecida, devemos voltar ao nosso problema dos três corpos. Vimos que a visão policêntrica e caótica da crise atual não é satisfatória. Ao identificar a força do capital como central para essa crise, podemos tentar racionalizar a situação atual. Um primeiro esforço foi feito por três pesquisadores que trabalham no Reino Unido em 2024, em um artigo que inspirou este livro²⁸.

Este artigo descreve um trilema, ou seja, um problema com três entradas insolúveis: a crise econômica, a crise social e a crise ecológica. O objetivo deste artigo é mostrar que a democracia liberal, no sentido político do termo, é incapaz de administrar esse trilema hoje, que explica a instabilidade política do nosso tempo. Essa impossibilidade se deve ao que os autores chamam de "direcionalidade do capital".

Este livro retoma essa ideia do trilema, tentando tanto desenvolvê-lo quanto especificar seus contornos, precisando as questões de acordo com essa leitura. Trata-se de retomar a crítica à dominação do capital para explicar como está organizado aquilo que realmente se assemelha ao "problema dos três corpos". Ainda é necessário ser capaz de explicar por que, em meio ao caos, essas três

²⁷ Branko Milanovic, *Le Capitalisme sans rival*, op. cit., p. 219.

²⁸ Ilias Alami, Jack Copley e Alexis Moraitis, *The "wicked trinity" of late capitalism. Governing in an era of stagnation, surplus humanity and environmental breakdown*, Geoforum, nº 153, julho 2024.

crises podem, sob o efeito da dinâmica da acumulação de capital, tornar o sistema totalmente instável.

Essas três crises não caem do céu. Eles estão intimamente ligados ao sistema capitalista como ele acabou de ser apresentado. Como já foi dito, a força motriz do capital é sua acumulação, ou seja, seu crescimento e autovalorização permanente. O capitalismo é o "mundo da economia" e, logicamente, o centro de sua ação é econômico. O estado da acumulação de capital, seus meios e seus obstáculos, é, portanto, o ponto de partida para qualquer reflexão sobre esse sistema.

No entanto, a interpretação defendida aqui é que, desde as perturbações do início dos anos 1970 e ainda mais desde a grande crise financeira de 2008, o capital tem se mantido em estado de subatividade: o crescimento está desacelerando. Isso força para que sejam tomadas medidas cada vez mais violentas para garantir a acumulação: saquear o Estado, fortalecer a disciplina no trabalho e uma investida precipitada na tecnologia. Eis, pois, o primeiro sol negro da crise, o mais massivo, da nossa Terra que se tornou Trisolaris: a crise econômica.

Em uma leitura marxista, entretanto, deve-se lembrar que nada é possível para o capital sem dois fatores essenciais: o trabalho humano, que pressupõe o controle das relações sociais, e a natureza, cuja transformação para satisfazer necessidades constitui o cerne da produção. Essa transformação é baseada no "metabolismo da natureza" e no trabalho. Essa noção de metabolismo²⁹, emprestada das ciências naturais, descreve o mecanismo de transformação e equilíbrio que permite a um organismo biológico manter mecanismos vitais em um determinado estado.

Mas para Marx, metabolismo refere-se ao impacto material das sociedades humanas em seu ambiente para se reproduzirem. E, segundo ele, a demanda por acumulação indefinida de capital quebrou um equilíbrio metabólico entre a natureza e os humanos. O equilíbrio metabólico foi perturbado, e essa perturbação levou a um conflito aberto entre capital e natureza. Esta é a crise ecológica, a crise mais perigosa porque liberou forças além do próprio capital. Esse segundo sol negro é o mais poderoso e o mais instável. É aquela que ameaça engolir todas as outras e que, nos últimos anos, atingiu uma escala sem precedentes. O capitalismo não é apenas uma forma de gerenciar a economia. É a economia que tomou para si a sociedade e até mesmo o homem.

Como já dissemos, a força motriz por trás da dominação do capital é a reificação das relações sociais, sua mediação pela mercadoria. Esse fenômeno implica que as relações entre os homens são moldadas por sua dependência do capital.

A crise do capital, portanto, também é uma crise social. Mas também é uma crise antropológica mais profunda. De fato, o capital se impõe socialmente pela construção de necessidades específicas para sua própria demanda de acumulação, necessidades que são produto de sua própria demanda vital. Assim,

²⁹ Sobre essa noção, ver Kohei Saito – *Marx in the Anthropocene*, Cambridge University Press, 2022, p. 13-38.

os seres humanos são cada vez mais dependentes de necessidades que lhes são estranhas e que os distanciam de suas próprias necessidades reais.

A crise, portanto, não pode ser entendida como uma simples agraviação das desigualdades e do empobrecimento: é uma crise interna ao próprio homem, na qual contradições permanentes ligadas às necessidades se desenrolam, e cujo preço humano, ecológico e social é cada vez mais alto. Essa terceira crise representa nosso terceiro sol negro.

Para terminar de contextualizar, precisamos especificar um último elemento: essas três crises têm suas próprias dinâmicas e também têm interações que se desenvolvem de acordo com essas dinâmicas. A crise ambiental está pesando sobre o crescimento e os estilos de vida. A crise econômica está pressionando as sociedades e as medidas de proteção da natureza. A crise social e antropológica impede qualquer adaptação à crise climática e torna a equação econômica mais difícil de resolver. Um dos objetivos deste livro será mostrar a realidade e a interpenetração dessas três crises.

Um último ponto pode surpreender o leitor. Uma das manifestações mais preocupantes da policrise são suas consequências geopolíticas e políticas. Em outras palavras, conflitos em nível internacional e a desestabilização política de vários países, especialmente nas democracias ocidentais. Isso não poderia ser outro "polo" da crise? Nesse caso, os três polos descritos acima não seriam o sinal de um "economicismo" redutor? Este livro assume esse viés perfeitamente, se com isso entendermos que o mundo em que vivemos é dominado pelo capital e sua lógica.

Em outras palavras, o mundo em que vivemos é, de fato, o "mundo da Economia". Mais uma vez, isso não significa que a totalidade da realidade possa ser resumida na economia, mas sim que essa dinâmica econômica constitui o cerne das relações sociais. A partir de então, as relações geopolíticas e políticas são construídas dentro do arcabouço da ação do capital, que, como acabamos de ver, é múltipla e diversa: econômica, antropológica, social e ecológica. Este livro, portanto, rejeita conscientemente, com base em uma abordagem materialista, a ideia de que as relações entre as nações são resultado de "rivalidades antigas", dos "traços eternos" dos povos ou, "melhor ainda", do humor e da vontade dos "grandes homens".

Nisso, não se trata de fingir que guerras ou crises políticas são fenômenos secundários. Pelo contrário, são fenômenos essenciais que maltratam sociedades e pessoas. Mas a estrutura para seu surto está situada em nossa época e é estruturada em torno da dominação do capital. O que, como já dissemos, assume várias formas históricas e regionais. Querer ler a história do mundo independentemente do quadro que estrutura a sociedade é uma forma de ingenuidade e um resquício da metafísica que rejeitaremos aqui. Assim, afirmaremos ver nessas grandes crises as consequências do trilema aqui encenado. O fato de essas crises serem vistas como consequências não diminui sua importância e de forma alguma nega o sofrimento de suas vítimas. Pelo contrário, nosso objetivo é encontrar chaves para deter as dinâmicas que levam a esses choques.

Vinte anos após a publicação de *O Problema dos Três Corpos na China*, o planeta cuja aparente estabilidade faz com que os Trisolarianos do sonho do romance estejam a 400 anos-luz de distância tornou-se cada vez mais perigoso e fora de controle. É porque a política reina, mas não governa. O que governa é uma força mais irresistível que, se sua dominação não for rejeitada, acabará varrendo tudo em seu caminho.

Notas

5. Adam Tooze, "Bem-vindo ao mundo da policrise," Financial Times, 28 de outubro de 2022.
6. Edgar Morin, *Terre Patrie*, Seuil, 1993, p. 110.
7. Ibid.
8. Veja o artigo de 9 de março de 2023 no site da Zurich Insurance, "As boas notícias escondidas dentro da 'crise poli' de hoje", que termina com um chamado para "construir resiliência".
9. Uma primeira crítica a essas ideias foi feita em Romaric Godin, "Vive la polycrise!", *Revue du crieur*, 23 de abril de 2024.
10. Em 6 de setembro de 2025, Adam Tooze criticou sua própria posição sobre a policrise em um artigo publicado no Financial Times: 'Polycrisis, este é o sequel?'.
11. Bertolt Brecht, *A Boa Alma de Se-Tchouan*, L'Arche, 2014, p. 19.
12. Karl Marx, *Misère de la philosophie*, em *Œuvres*, tomo 1, "Pléiade", Gallimard, 1963, p. 123.
13. Karl Korsch, *Karl Marx*, Ivrea, 2002, p. 37.
14. Karl Marx, Capítulo VI. Manuscritos de 1863-1867. *Capital*, Livro I, Les Éditions sociales, 2010, p. 251.
15. Jérôme Baschet, *Quando Começa o Capitalismo?*, Crisis & Critique, 2024.
16. Ibid., p. 146.
17. Ibid., p. 121.
18. Karl Marx, *Capital*, Livro I, Edições Sociais, p. 39.
19. Moishe Postone, *Tempo, Trabalho e Dominação Social*, Mil e Uma Noites, 2009, p. 221.
20. Karl Marx, *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, em: Volume 3, "Pléiade", Gallimard, 1982, p. 382.
21. Moishe Postone, *Tempo, Trabalho e Dominação Social*, op. cit. cit., p. 188.
22. cf. Istvan Mészáros, *Teoria da Alienação de Marx*, Merlin Press, 2005 [1970], p. 20.
23. Citado por Paul Mattick, em *Marx and Keynes*, Gallimard, 2010 (1972), p. 375.
24. Ibid., p. 386.

25. Branko Milanovic, *Capitalismo Sem Rival*, La Découverte, 2020, p. 97-110.
26. Moshe Lewin, *A Grande Mutação Soviética*, La Découverte, 1989.